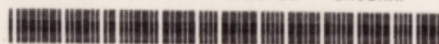


PETTENÁ, Arita Damasceno.
26 ago. 1984.

Coisas do folclore.

Correio Popular,

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030593

Coisas do Folclore

Correio Popular 26.8.84

Arita Damasceno Pettená

Não sou exógena, mas confesso que dou muito valor a tudo aquilo que é nosso. As primeiras viagens que fiz, trazia as malas cheias de quinquilharias. Agora as trago tão vazias quanto as levo. Quanta esnobação a nossa querer trazer objetos de fora só porque têm um "made in" em qualquer lugar do mundo, quando por aqui se encontram artigos tão bons quanto os importados. Por isso minha arraigada opinião de que, no mês do folclore, sejam divulgadas apenas coisas da terra, já que ninguém lá foram valoriza o que é nosso. Só levam nosso escasso dinheiro em juro astronômico, nossa paciência em acertos onde o único consultado é o Governo, já que o povo, neste País, "é que nem cachimbo: só leva fumo!". E nada melhor para esquecer as agruras da vida, a crise que campeia firme pelos atalhos do mundo, que pincelar a crônica de hoje com um pouco de humor. E como folclore engloba piadas, danças, cantilenas, superstições, a descontraída filosofia do irmão da estrada e muitas outras manifestações da cultura popular, enfocaremos o que nos tocou mais de perto.

Certa vez, corrigindo uma prova, a professora divertia-se a não mais poder. O aluninho não teve dúvidas em responder às suas perguntas: "O que é floresta virgem?". Floresta virgem é aquela que a mão do homem nunca pôs os pés". "Qual o antônimo de vitória?". "Brejeiro".

Num ponto de ônibus — dizem ser isso verídico —, uma senhora espera o coletivo. É quando passa um cavalheiro: "A senhora tem horas?". "Horas, eu tenho, meu senhor, o que eu não tenho é local".

Numa viagem à Inglaterra, o guia chamava a atenção para uma inscrição, num cemitério de cães: "Aqui jaz meu cão que foi muito mais fiel que meu marido". A excursionista indignada não perdeu tempo: "Grande novidade!..."

Também em São Paulo, num jazigo, vê-se este epitáfio: "Aqui jaz e jaz bem, para o descanso dela e o meu também". "De seu genro fulado de tal para a sua sogra".

E a filosofia do irmão de estrada é mais implacável ainda: "Não mando minha sogra para o inferno porque tenho pena do diabo". "Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão". Felizes, entretanto, somos nós quando, acompanhando a rabeira desses gigantes veículos, vamos lendo em suas traseiras, frases simples, mas cheias de sabedoria: "Pobre quando come frango um dos dois esta doente". "Rico correndo é atleta, pobre correndo é ladrão". "Anda em capa de letrado muito asno disfarçado". "Viúva é que nem lenha verde: custa, mas pega fogo". "Quem quiser leite fresco ponha a vaca na sombra". "Se gritos resolvessem, porco não morria". "Como o amor é cego, o jeito é apalpar". "Sossego de homem é mulher feia e cavalo capado". "Se seio de mulher fosse buzina, ninguém dormia a noite". "É na calada da noite que a população aumenta". "Ama seca vive molhada".

Sem falar dos nomes — muitos deles impúblicáveis —, tortura das torturas são os apelidos. E como eles pegam: "Cara de fuinha", "Barata descascada", "Chico Mula", "Malufento", "Zé do Caixão".

Passemos agora às celebres paredes. Nos muros de duas escolas: "Motorista, não matem os alunos. Esperem pelos professores". "Aluno, não mate aula. Mate o diretor". No alto do portão do cemitério de Paraibuna: "Nós que aqui estamos por vós esperamos". Num motel do Interior: "Come quieto".

Numa parede de banheiro, um viajante rabiscou: "Osvaldo esteve aqui". Anos depois voltou ao mesmo local. No lugar do ponto, colocaram uma vírgula. E nem imaginem o que escreveram depois...